

**EM CARNE E OSSO:
apresentação do dossiê “O corpo na pesquisa social”**

***IN FLESH AND BLOOD:
a presentation to the dossier “Body in social research”***

João Batista de Menezes Bittencourt*
Mônica Franch**

O dossiê que o/a leitor/a tem em mãos é uma pequena amostra da produção sócio-anropológica sobre corpo no campo das Ciências Sociais. Contém contribuições de autores que, em maior ou menor medida, direcionam a centralidade de seus trabalhos para o corpo. Já os organizadores chegam ao tema proposto no dossiê por caminhos diversos – João Bittencourt a partir da juventude e das manifestações musicais, Mônica Franch pela via da antropologia da saúde¹. Este é um percurso bastante habitual, pois o corpo tem sido abraçado por autores que trabalham ao mesmo tempo em outras temáticas ou especialidades diversas, como as ciências sociais da saúde, o campo dos estudos feministas ou as artes (ESTEBAN, 2004, p. 19).

O aumento do interesse no corpo como objeto da reflexão antropológica e sociológica é atestado, no Brasil, pela existência de programas de Pós-Graduação com linhas de pesquisa e disciplinas que abarcam essa temática, como também grupos de pesquisas que vêm ajudando a difundir os estudos sobre corpo nas diferentes partes do país. Não devemos perder de vista, entretanto, que apesar da sua destacada importância nessa área do conhecimento, ainda se trata de um “fenômeno marginal”, se pensado em relação aos temas considerados hegemônicos na academia (trabalho, violência, pobreza e desigualdade, entre outros). Desse modo, entendemos

* Professor do Instituto de Ciências Sociais da UFAL e membro dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da mesma universidade/Brasil. Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP/Brasil. E-mail: joao.bittencourt@ics.ufal.br.

** Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFPB e membro dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Sociologia da mesma universidade/Brasil. Doutora em Sociologia e Antropologia pela UFRJ/Brasil. E-mail: monicafanch@gmail.com.

1 Desde o ano de 2014, ministro a disciplina Sociologia/Antropologia do Corpo e da Saúde com a Profa. Ednalva Neves, também da UFPB, a quem agradeço o estímulo, a parceria e as instigantes discussões, que em boa medida estão refletidas aqui.

que dossiês como este são imprescindíveis para a consolidação desse campo analítico tão fértil para a compreensão das práticas sociais e culturais dos agentes.

Refletir sobre a fabricação das corporalidades nos dias atuais torna-se tarefa urgente, uma vez que vivemos em um contexto onde cada vez mais os indivíduos se definem – e têm sua existência definida – pelos corpos que exibem. Do corpo milimetricamente desenhado dos praticantes de musculação ao corpo perfurado e marcado dos adeptos do *body modification*², passando pelo corpo-vitrine das modelos profissionais; todos expressam posições sociais que são classificadas por intermédio da relação que os indivíduos possuem com sua imagem corporal. O corpo também está no centro de embates políticos importantes no Brasil e alhures, usualmente em torno das questões de gênero e sexualidade, revelando-se como nó fulcral na articulação entre indivíduos, grupos e sociedades. Por outro lado, o corpo não se define hoje, apenas, enquanto objeto. Abordagens de base fenomenológica proclamam que ele é, sobretudo, lócus de experiência e de conhecimento. Nesse sentido, a formação de uma sociologia ou uma antropologia específica do corpo pode dar lugar a uma antropologia e a uma sociologia incorporadas ou *encarnadas*³ (*embodied*), feitas desde o corpo, no corpo, com o corpo.

Sabemos que a investigação sobre as práticas corporais nas Ciências Sociais não é nenhuma novidade, vide o clássico trabalho de Marcel Mauss *As técnicas do corpo*, publicado em 1936, onde ele argumenta que existem diversas maneiras de homens e mulheres se servirem de seus corpos nas distintas sociedades, ou a etnografia *Do Kamo*, publicada em 1947, na qual Maurice Leenhardt discute a noção de pessoa e a (inexistente) ideia de corpo entre os *canuaq*. Mas foi somente no final da década de 1960 que a temática passou a figurar de maneira mais consistente entre as preocupações de sociólogos/as e antropólogos/as, principalmente pela influência do feminismo, da chamada “revolução sexual”, como também da emergência de terapias que tinham como objetivo a produção de um bem-estar mediante o cuidado acentuado com o corpo, marcas de uma sociedade que caminhava rumo a um acentuado processo de individualização.

Autores como Jean Baudrillard, Michel Foucault, Erving Goffman, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Mary Douglas, David Le Breton, Thomas Csordas, entre muitos outros, escreveram seu legado no campo de uma sociologia e/ou antropologia do corpo, desenvolvendo abordagens a partir de diferentes ângulos no que diz respeito à relação dos agentes com o meio cultural e social que os cerca. Apesar da relativa novidade dessas abordagens, já contamos com um bom número de análises bibliográficas e estados da arte, sendo possível destacar as excelentes contribuições de Miguel Vale de Almeida (2004), Sônia Maluf (2001) e Vítor Sergio Ferreira (2009), para ficarmos apenas na língua portuguesa.

2 Modificações corporais produzidas pelos agentes em seus próprios corpos motivadas por razões não-médicas. Tatuagens, implantes de objetos de metal, madeira ou silicone e escarificações (cortes ou queimaduras) são algumas das técnicas mais utilizadas.

3 Tradução/interpretação proposta por Garía Selgas (*apud* ESTEBAN, 2004, p. 22). Estamos nos referindo, sobretudo, às abordagens de Thomas Csordas (2008).

Alguns dos levantamentos feitos propõem classificações e periodizações em relação aos estudos do corpo, traçando genealogias para uma antropologia e/ou sociologia do corpo. Responsável por uma das produções mais significativas a esse respeito na França, David Le Breton (2011) indica que a reflexão sociológica sobre as práticas corporais pode ser dividida em três etapas: *uma sociologia implícita do corpo, uma sociologia em pontilhado e uma sociologia do corpo* propriamente dita. A primeira compreende os trabalhos dos pensadores do início do século XIX que, se por um lado não desmereciam a importância da dimensão carnal em suas análises, por outro não se debruçavam de maneira profunda sobre a mesma. As principais referências seriam os trabalhos de Villermè, Marx e Engels, que expunham a condição miserável dos trabalhadores no contexto da Revolução Industrial. Para esses pensadores o corpo expressava a condição degradante à qual os trabalhadores estavam submetidos, mas não era visto como um objeto de estudo diferenciado. Os estudos que buscavam traçar diferenças entre as populações a partir de critérios biológicos também são dessa época. Estes se caracterizam por uma produção científica que relaciona as particularidades sociais e culturais dos grupos a uma morfologia dos corpos. Busca-se através de experimentos que incluem medições da caixa craniana, do cérebro, como também leitura de aspectos faciais, encontrar provas que justifiquem a degenerescência racial e a delinquência.

A *sociologia em pontilhado*, por sua vez, compreende o conjunto de análises que problematizam o corpo, enfatizando os aspectos simbólicos que compreendem a sua produção bem como seus diferentes usos. O corpo é o que seus signos são, e estes podem variar culturalmente, historicamente e socialmente. Robert Hertz, Marcel Mauss e Norbert Elias são importantes divulgadores dessa perspectiva, ainda de acordo com Le Breton. Já a *sociologia do corpo* propriamente dita inaugura um campo de estudos que se volta especificamente para este, buscando compreendê-lo em toda sua complexidade. Le Breton aponta alguns aspectos que atrapalham a consolidação da perspectiva, em virtude da própria dificuldade de concebermos sociologicamente um conceito de corpo, pois este não é um dado da realidade:

O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos. Nessas condições o corpo corre o risco de nem mesmo ser um universal (LE BRETON, 2011, p. 24).

A dificuldade que alguns pesquisadores têm em se desvencilharem de concepções que pensam o corpo como uma realidade objetiva, tal como postulam as ciências biomédicas, é outra armadilha apontada pelo antropólogo francês. Tal problema dificulta a compreensão de que os corpos variam nas distintas sociedades e de que não é possível utilizar a noção ocidental de corpo em pesquisas com povos não ocidentais, por exemplo.

Essas sociedades foram justamente o objeto da atenção da antropologia e do surgimento das primeiras apreensões sobre o corpo nessa disciplina. Byron Turner (1994) defende que, diferente do que ocorreu na sociologia, o corpo possui uma importância continuada para a antropologia desde o século XIX, enquanto peça

fundamental para enfrentar questões-chave para este ramo do conhecimento, como a relação cultura/natureza e universalidade/diversidade cultural. Ademais,

A antropologia, mais que a sociologia, desenvolveu uma teoria do corpo (ou, como mínimo, bastante interesse na investigação do corpo), porque nas sociedades pré-modernas o corpo é uma superfície importante na qual as marcas de condição social, posição familiar, filiação tribal, idade, sexo e condição religiosa podem se expressar fácil e publicamente (TURNER, 1994, p.15, tradução nossa).

De maneira semelhante a Le Breton, a antropóloga Margaret Lock no artigo intitulado *Cultivating the Body: anthropology and Epistemologies of Bodily Practice and Knowledge* (1993), apresenta um panorama dos estudos sobre corpo na perspectiva antropológica a partir de sete tópicos⁴. O primeiro compreende a dimensão da incorporação (*embodiment*), cuja principal referência é o trabalho de Pierre Bourdieu e a sua reformulação da noção de *habitus*, desenvolvida inicialmente por Marcel Mauss. O segundo tópico versa sobre a construção cultural do *Self* e do outro, onde ela destaca a importância do estudo das emoções na perspectiva da antropologia do corpo, fazendo referência ao trabalho de Michele Rosaldo e a sua ideia de emoção como pensamento incorporado. Já no terceiro tópico, chamado “corpos dóceis e resistentes”, a ênfase recai sobre o trabalho de Michel Foucault, especialmente a importância antropológica do conceito de biopoder. Lock reconhece a crítica feita à noção de microfísica do poder e a sua ausência de “materialidade”, porém, destaca que a obra do autor foi apropriada pela vertente da “reintrodução da história”, onde se destacam os trabalhos de Jonh Comaroff.

No quarto tópico aparece a abordagem da doença como performance cultural. Trata-se de uma perspectiva que analisa as doenças a partir das distintas experiências vivenciadas pelos indivíduos, o que confronta a concepção biomédica que pensa o corpo doente a partir de sintomas universais. O quinto tópico propõe uma discussão em torno dos conceitos de montagem, mimese, alteridade e agência. A principal referência é o trabalho de Michal Taussig e a sua crítica à exagerada “contextualização do outro”, realizada por alguns antropólogos. Para Taussig, esse “outro” é produto de uma relação de poder que institui diferentes posições entre os agentes e não se pode perder de vista a natureza colonial que fundamenta o encontro do pesquisador com a alteridade. No sexto tópico, intitulado *Epistemologia e corpos políticos*, Lock retorna a Foucault para demonstrar sua influência sobre a antropologia, especialmente a sua crítica à linguagem médica que produz sujeitos para análise. Ela apresenta alguns trabalhos que passaram a criticar os sistemas classificatórios elaborados pelos discursos médicos, questionando os limites desse conhecimento universal sobre os corpos a partir de um conhecimento local produzido pelos próprios pacientes.

4 O artigo desenvolve e aprofunda uma primeira classificação, proposta numa coautoria anterior com Nancy Scheper-Hughes, em que discutiam, a partir da literatura existente, os três corpos: o corpo individual, o corpo social e o corpo político (SCHEPER-HUGHES; LOCK, 1987).

Finalmente, no sétimo e último tópico, a autora discute sobre a normalização e reconstrução dos corpos, enfatizando especialmente os trabalhos de pesquisadores como Paul Rabinow e Marilyn Strathern. Ao problematizar o desenvolvimento das tecnologias no campo da biomedicina, Rabinow aponta para novos processos de normalização dos corpos, com especial destaque para a manipulação genética. Já Strathern, ao se debruçar sobre as novas tecnologias reprodutivas, mostra como essas afetaram as relações entre os seres humanos, especialmente as relações sociais de parentesco, que por muito tempo foram vistas exclusivamente como vínculos de natureza biológica, impactando, conseqüentemente, a produção dos binarismos ocidentais como natureza/cultura, por exemplo.

Como foi possível perceber a partir das múltiplas abordagens destacadas por David Le Breton e Margareth Lock, o corpo sempre esteve entre as preocupações das Ciências Sociais. Mesmo atualmente, diante do propagado desaparecimento do corpo em decorrência de uma “virtualização da vida” sob diferentes aspectos – seja aquele relacionada à maneira como a internet se apossou de nossa existência, ou ainda aquele expressada pelo crescimento das pesquisas no campo da genética – nos deparamos com um crescimento significativo de pesquisas preocupadas com a experiência carnal; *body modification*, processos de transgenitalização, performance de gênero, a busca incansável pela perfeição mediante cirurgias estéticas, corporalidades protéticas, são alguns dos fenômenos problematizados por cientistas sociais estudiosos/as do corpo em nossos dias.

O presente dossiê se situa nesta esteira. Ele conta com oito artigos de pesquisadores nacionais e estrangeiros que transitam entre os diferentes temas e abordagens teórico-metodológicas apresentadas acima. O artigo de Taniele Rui (UNICAMP) e Simone Frangella (ICS-Universidade de Lisboa), que abre o dossiê, apresenta uma reflexão entre a relação corpo e cidade, dimensões materiais e simbólicas que se entrecruzam e se influenciam mutuamente enquanto espaços de produção e enunciação de processos sociais e políticos. A preocupação das autoras se volta para a vida e os corpos das pessoas que habitam e trabalham nas ruas, corpos precários que transitam entre a abjeção e a resistência, evidenciando conflitos de ordem socioeconômica bem como a imposição do poder urbanístico.

Em seguida temos o texto de Osmundo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), que se volta para uma reflexão sobre a performance da masculinidade no pagode baiano. O trabalho resulta de uma etnografia com jovens estudantes negros do sexo masculino de duas escolas públicas localizadas nas cidades de Cachoeira e São Félix, ambas situadas na região do Recôncavo da Bahia. O antropólogo busca compreender os sentidos articulados em torno da performance corporal conhecida popularmente como “botando a base”, que faz parte do repertório coreográfico do pagode baiano.

Dando continuidade à discussão em torno da relação corpo e masculinidade, temos o artigo de João Bittencourt (UFAL) e Felipe Guimarães (UFAL), cujo foco etnográfico são as práticas corporais dos atletas e espectadores do esporte mundialmente conhecido como MMA (*Mixed Martial Arts*). A partir de uma pesquisa desenvolvida em academias e bares localizados na cidade de Maceió, os pesquisadores buscam refletir sobre o crescimento massivo do esporte a partir

de processos sociais mais amplos como a somatização e a exteriorização das subjetividades, bem como de processos de corporificação atrelados a significações de gênero.

O artigo de Vitor Sérgio Ferreira (ICS – Universidade de Lisboa) busca problematizar o desenvolvimento das culturas somáticas na sociedade portuguesa contemporânea. Para tal intento, o sociólogo procura pistas em diferentes recortes geracionais desde o Estado Novo – regime sob o qual Portugal foi governado entre 1933 e 1974 – até a atualidade. A partir desse recorte temporal, o autor teve acesso a diferentes culturas somáticas que revelam formas de vivenciar, pensar e utilizar o corpo na sociedade portuguesa. São elas: 1) uma *cultura de revigoração físico*, herdeira do Estado Novo; 2) uma *cultura de rejuvenescimento físico*, herdeira das culturas juvenis dos anos 60-70, e da expansão das indústrias de design corporal nos anos 80; 3) uma *cultura de aperfeiçoamento físico*, herdeira da cultura biotecnológica dos anos 90, e da radicalização da indústria de *design* corporal.

Já o texto de Ana Lúcia de Castro (UNESP) e Hellen Tavares (UNESP) possui como foco de investigação as relações de poder presentes nos discursos sobre a obesidade, a partir de blogs produzidos por/para mulheres obesas. As autoras argumentam que apesar de se perceber nessas narrativas virtuais uma defesa explícita do que se define como “orgulho gordo”, destacando a importância de pensar a pluralidade dos corpos, existem também tentativas de conformação a um “padrão gordo hegemônico”, onde se defende o direito a um corpo obeso, mas não exageradamente, em geral branco, bem cuidado e, acima de tudo, consumidor.

O artigo de Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) apresenta uma reflexão sobre o corpo das mulheres a partir de uma análise antropológica da cicatriz que resulta de intervenções cirúrgicas conhecidas como “cesáreas”. Influenciada pelo pensamento de Veena Das, a autora argumenta que a cicatriz é uma marca que sintetiza as dimensões corporal e cultural, um sinal que está inscrito na carne, mas que aglutina emoções, traumas, fracasso de projetos e outras experiências, especialmente entre aquelas mulheres alinhadas com o movimento de estímulo do “parto natural”.

Cristian Paiva (UFC) e Marcelle Jacinto da Silva (UFC) discorrem sobre os enunciados e estratégias de resistência acerca do corpo feminino mobilizadas por mulheres na internet. Trata-se de um estudo sobre o projeto *Large Labia Project*, criado por Emma P., cujo objetivo é divulgar “vaginas reais”, como referência para “mulheres reais”. A crítica ao mercado pornográfico que institui padrões de beleza hegemônicos, principalmente no tocante à região íntima das mulheres, é um dos objetivos apontados pela autora/idealizadora do projeto. Mirando nos ativismos que se expressam no espaço virtual, a proposta dos autores é pensar o poder que é potencialmente acionado por movimentos online como esse, buscando compreender os sentidos mobilizados visando desconstrução de padrões estéticos sobre o corpo feminino.

Finalizando o dossiê, temos o texto inédito do antropólogo francês David Le Breton (*Université de Strasbourg*). Trata-se de um ensaio onde o autor discorre sobre a face como o espaço do corpo humano que melhor marca a singularidade dos indivíduos. Local de reconhecimento seja pela atribuição de uma idade ou de um sexo, a face também garante a existência dos sujeitos. Perdê-la, diz Le Breton,

é “profanar o centro de si mesmo”. Passando por exemplos extraídos da Filosofia, Literatura e Antropologia, o autor demonstra a importância da face como espaço privilegiado de encarnação de identidade e cultura. Boa leitura!

Referências

- CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008
- ESTEBAN, Mari Luz. **Antropología del cuerpo**: género, itinerários corporales, identidade y cambio. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. **Elogio (sociológico) à carne**: a partir da reedição do texto “As técnicas do corpo” de Marcel Mauss. Porto: Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009 (working paper).
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LOCK, Margareth. Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge. **Annual Review of anthropology**, v. 22, p. 133-155, 1993.
- MALUE, Sônia. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, v.9, n.9, p. 87-101, 2001.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.
- SCHEPER-HUGHES, Nancy; LOCK, Margaret. The mindful body. A prolegomenon to future work in medical anthropology. **Medical Anthropology Quarterly**, v. 1, n. 1, p. 6-41, 1987.
- TURNER, Bryan. Los avances recientes en la teoría del cuerpo. **REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 68, p.11-39, 1994.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. O corpo na teoria antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**. V. 33, p. 49-66, 2004.

Recebido em 19/02/2018

Aceito em 19/02/2018